

AJ 06959

Invasores resistem em Carapina

Os três mil invasores do loteamento André Carloni, em Carapina, resolveram resistir e permanecer no local, mesmo depois que seus barracos foram destruídos por uma guarnição da Polícia Militar, na última quarta-feira. Hoje os advogados da comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de



Joeliza: sem casa



Moacir: aluguel

Vitória entram com um mandado de segurança no Tribunal de Justiça contra a ordem de despejo do juiz da Serra, Marco Antônio Bazílio de Sousa. A presidente da Federação das Associações de Moradores do Município da Serra, Brice Bragatto, espera que a questão seja resolvida ainda hoje.

Esteve na manhã de ontem na invasão o prefeito João Batista Motta, que — preocupado com novas situações de violência —, solicitou aos moradores que aguardassem no local uma decisão da Justiça. Sem água, esgoto ou energia elétrica, as famílias do loteamento passaram o dia reunindo os pedaços de madeira e eternite das cerca de 100 casas quebradas pela polícia e apanhando caranguejo no mangue próximo — único recurso alimentar de que dispunham.

Reconstrução

Alguns invasores, que haviam saído do loteamento após a ação da polícia, retornaram ao local, reunindo seus pertences em trouxas e bacias. Muitos passaram o dia de ontem ocu-

pados com a reconstrução de seus barracos de dois metros quadrados, como foi o caso de Moacir Antunes, 54 anos, militar reformado. Antigo morador de Campo Grande, sem casa própria, Moacir Antunes considerou a invasão do loteamento uma forma de escapar dos altos preços do aluguel em seu antigo bairro. Motivo idêntico levou Joeliza Vieira de Souza e seu marido do bairro Consolação para a área em Carapina. “O pior é que nossa antiga casa já foi entregue e nós não temos para onde ir”, disse ela, resignada a dormir no barraco de um vizinho, enquanto recuperava os 30 metros de tábuas e as cinco folhas de eternite quebradas pela PM.

Erly Detore Laurindo, 32 anos, uma moradora que passou mal na hora do despejo, já restabelecida do choque, disse que quando viu policiais e “capangas” do proprietário, Antônio Sanches Galeano, com um galão de gasolina, ameaçando “fazer de seu barraco uma fogueira”, perdeu completamente o controle. Nem chegou a ver como os “homens” arrebentaram todo o seu barraco, revelou ela.